

Elegantes
Arms

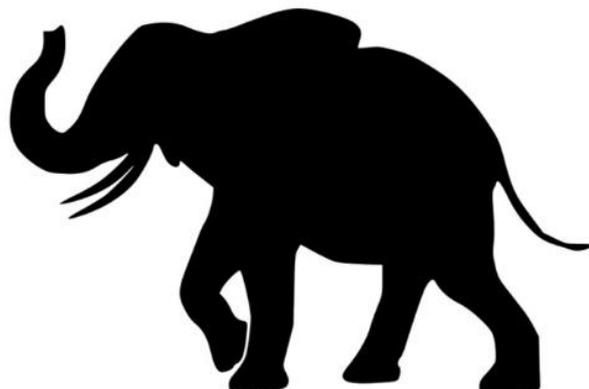
Victor Marçal

Elefantes
azuis

1ª edição

2020

Lagoa Santa, MG



Copyright © 2020 por Victor Marçal

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diagramação, preparação e capa: Victor Marçal

M213e Marçal, Victor
Elefantes Azuis / Victor Marçal
240p.; 14,8 x 21cm

ISBN:

1 – Literatura Brasileira 2 – Literatura Infanto Juvenil
CDD B869
CDD J869

A DOENÇA DE AURÉLIO

Quando o mundo estava prestes a mudar de século, um curioso acontecimento tomou conta de um povoado localizado em uma ilha, na costa do Rio de Janeiro. **A ilha do lago sem esperança**, como era conhecida, estava prestes a adquirir sua emancipação municipal, pois era grandinha o suficiente para isso. O povoado desfrutava de um comércio com os peixes mais frescos da região, empórios com as melhores geleias e padarias com os pães mais gostosos que poderiam existir, dentre outras necessidades. Naquele centro movimentado, os olhos dos curiosos que passavam por ali já viram de tudo. Já viram comerciantes atirando peixes um nos outros por questões que ninguém sabe explicar, e uma bela discussão entre as senhoras da igreja por conta de um concurso de melhor geleia caseira disputado por diversas outras senhoras. Uma receita de família havia vazado e as várias geleias feitas pelas várias senhoras tinham o mesmo gosto e eram todas feitas de amora. Não havia geleia de cereja, ou de figo ou de qualquer outra fruta que pudesse amenizar o mal-estar. Tudo isso resultou numa discussão acalorada entre — pelo menos — vinte senhoras, no respeitado empório do Sr. Perereca. Toda a renda da venda das geleias, seria revestida em cuidados com a catedral. A repercussão do concurso, que deveria beneficiar a catedral da ilha, resultou numa misteriosa carta malcriada enviada para o bispo, acusando o padre Anselmo de Deus, de

ter sido o mexeriqueiro. Concursos em prol da catedral estavam proibidos.

Mas a história que marcaria a virada do século não era a repercussão de uma carta malcriada ou a prisão de diversos comerciantes, que se agrediram com peixes, e sim uma misteriosa música.

No dia 18 de junho de 1899, durante o horário da feira, uma misteriosa melodia de piano começou a ecoar entre os casarões e ruelas no centro da cidade. Era bonita, chamava atenção por ser extremamente tocante. Mas ninguém sabia de onde vinha. As pessoas ali pouco se importavam com sentimentos, mas ao menos prestavam atenção. Não comentavam uma com as outras sobre o significado que a melodia havia deixado, ou de onde estava vindo. Ninguém queria conhecer quem estava por trás do piano que produzia a melodia tão tocante. Depois de cerca de três minutos, a vida continuou normal no centro da ilha. Os comerciantes gritavam suas novidades em relação aos peixes, as quitandas e empórios continuavam lotados. A vida não mudou naquele dia. As pessoas continuavam vazias como sempre foram e continuavam fazendo jus ao nome daquela futura cidade.

As pessoas ali perderam sentimentos tão imprescindíveis na vida como esperança e gratidão. Na movimentação do centro, só se viam mexericos entre as senhoras da igreja e os comerciantes, olhares atravessados dos ricos que tomavam suas preciosas bebidas nas diversas casas de chás que haviam enquanto liam jornal sobre notícias de guerras ao redor do mundo e se sentiam empolgados, e o julgamento que os mais afortunados faziam quando viam algum menino sujo e descalço pedindo esmolas. Não se ouvia saudações respeitadas, apertos de mãos sinceros, abraços calorosos, e muito menos um “eu te amo”. A futura cidade, que estava em

processo de emancipação, realmente fazia jus ao nome de *Ilha do Lago sem esperança*.

Longe de toda essa muvuca, Marcelina Foz, uma jovem que estava prestes a completar seus quinze anos, fazia um esforço grandioso para que as gotas do chá que estava servindo para o seu pai não respingassem na mesa do escritório dele. Ela estava seguindo rigorosamente as regras de etiqueta que a senhora Josephine havia ensinado para ela, e tudo que ela mais queria, era ser um pouquinho insigne para o pai, já que todo o orgulho da família, era para Aurélio, seu irmão mais velho.

A Sra. Pérola, a mãe de Marcelina – uma verdadeira e respeitável dama – havia instruído a filha a ser mais cordial do que o normal com o pai – um lorde respeitável e rico – naquela manhã. As cousas não andavam muito bem na família, por conta de uma misteriosa enfermidade que Aurélio desenvolvera. Com medo das fofocas e dos burburinhos, o rapaz – que era pouco mais velho que Marcelina –, estava isolado em um quarto e esse assunto – até mesmo nas intimidades da casa –, era proibido assim como o acesso ao quarto do rapaz e em todo o corredor do terceiro andar do palacete onde moravam. Ninguém podia entrar a não ser a governanta da casa, a Sra. Cora – uma mulher de aparência rigorosa e feia – o lorde Charles, e o irmão do lorde, o Dr. Eduardo Foz. Marcelina e sua mãe estavam proibidas sequer de acessar o terceiro andar, pois era proibido.

A questão da enfermidade de Aurélio ser tão devastadora para família, era por conta da proximidade do casamento dele com Florência Pellegrino, única herdeira de uma respeitável, poderosa e afortunada família italiana. O casamento de Aurélio e Florência, reforçaria os laços entre a família Foz com a família Pellegrino. Ou para ser mais autêntico, reforçaria os negócios de importação do café da

família Foz para a Itália. O fato de o filho estar enfermo, agonizando com dores terríveis e muita febre, jamais foi o motivo do incômodo para o lorde. Ele não conseguia sentir um pingo sequer de ternura. Afinal, Aurélio era homem, e fazia parte da virilidade aguentar uma enfermidade e pestes. O incômodo na verdade era por conta da ameaça que essa enfermidade pudesse apresentar para o casamento, que tinha que acontecer a qualquer custo, nem que para isto, Aurélio passasse semanas em isolamento sem contato com absolutamente ninguém, agonizando sozinho em um quarto no topo dos aposentos sofisticados.

– Amor? Sério que o jornal está falando disso? Amor? O amor arruína os negócios. Esse cronista é péssimo!

– Do que se trata papai? É uma crônica? – arriscou Marcelina, mesmo sabendo que um possível diálogo pudesse estragar tudo. Ela já havia colocado todo o chá de camomila na xícara. O cuidado posterior, era a forma como ela misturava o açúcar. Todo cuidado do mundo para não gotejar. Um diálogo naquele momento poderia colocar tudo abaixo. Um desapeço não estava nos planos da menina.

– Sim, uma crônica completamente irrelevante. Sabe o porquê este texto é irrelevante? Porque foi escrito por uma mulher, obviamente. Esse jornal é uma infame para a ilha, sabe o porquê? Porque é administrado por uma mulher! – o lorde rasgou a página do jornal e o atirou na lixeira. Marcelina sentiu uma necessidade muito grande de pegá-lo em outra ocasião, escondida, pois adorava crônicas. Mas seu pai não permitia, pois a leitura de jornais era um ato desnecessário para mulheres. Mas Marcelina adorava romances e as histórias que eram contadas nas crônicas dos jornais que pegava escondido com a ajuda de Aurélio.